

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

O coelho de veludo

Era uma vez um coelho de veludo, e no princípio ele era lindo. Ele era gordo e volumoso, como um coelho deveria ser; seu casaco era manchado de marrom e branco, ele tinha bigodes de linha de verdade e suas orelhas eram forradas de cetim rosa. Na manhã de Natal, ele foi preso no topo da meia do Menino, com um raminho de azevinho entre as patas.



Havia outras coisas na meia, nozes e laranjas e um motor de brinquedo, e amêndoas de chocolate e um rato mecânico, mas o Coelho era o melhor de todos. Por pelo menos duas horas o Menino o amou, e então Tias e Tios vieram jantar, e houve um grande farfalhar de lenços de papel e pacotes sendo desembulhados, e na excitação de ver todos os novos presentes o Coelho de Veludo foi esquecido.

Por muito tempo ele viveu no armário de brinquedos ou no chão do berçário, e ninguém pensava muito nele. Ele era naturalmente tímido e, sendo feito apenas de veludo, alguns dos brinquedos mais caros o desprezavam. Os brinquedos mecânicos eram superiores e desprezavam todos os outros; eles estavam cheios de ideias modernas e fingiam que eram reais. O barco modelo, que viveu duas temporadas e perdeu a maior parte da pintura, captou o tom deles e não perdeu uma oportunidade de se referir ao seu cordame em termos técnicos. O Coelho não poderia fingir ser um modelo de nada, pois não sabia que existiam coelhos de verdade; ele



pensou que todos eram recheados, como ele. Até Timóteo, o leão de madeira, fazia pose e fingia estar

ligado ao governo. Entre eles, o pobre coelhinho se sentia muito insignificante e comum, e a única pessoa que era gentil com ele era o Cavalo.

O cavalo viveu mais tempo no berçário do que qualquer um dos outros. Ele era tão velho que seu casaco marrom estava careca em alguns lugares e mostrava as costuras por baixo, e a maioria dos pelos de sua cauda havia sido arrancada. Ele era sábio, pois tinha visto uma longa sucessão de brinquedos mecânicos chegarem se gabando, mas logo eles quebrariam suas molas principais e morreriam, e ele sabia que eram apenas brinquedos e nunca se transformariam em outra coisa. Pois a magia do berçário é muito estranha e maravilhosa, e apenas aqueles brinquedos que são velhos, sábios e experientes como o Cavalo entendem tudo sobre ela.

"O que é real?" perguntou o Coelho um dia, quando eles estavam deitados lado a lado. "Isso significa ter coisas que zumbem dentro de você e uma alça saliente?"

"Real não é como você é feito", disse o Cavalo. "É uma coisa que acontece com você. Quando uma criança ama você por muito, muito tempo, não apenas para brincar, mas REALMENTE ama você, então você se torna Real."

"Isso doi?" perguntou o Coelho.

"Às vezes", disse o Cavalo, pois ele sempre era sincero. "Quando você é Real, não se importa em ser ferido."

"Isso acontece de uma só vez, como ao se dar corda", ele perguntou, "ou pouco a pouco?"

"Não acontece de uma vez", disse o Cavalo. "É algo que você se torna. Leva muito tempo. É por isso que não acontece com frequência com pessoas que quebram facilmente, ou têm pontas afiadas, ou que precisam ser cuidadosamente mantidas. Geralmente, quando você é Real, a maior parte do seu cabelo foi amado, e seus olhos caem e você fica solto nas juntas e muito maltrapilho. Mas essas coisas não importam, porque uma vez que você é Real, você não pode ser feio, exceto para pessoas que não entenderem."

"Suponho que você seja real?" disse o Coelho. E então desejou não ter dito isso, pois pensou que o Cavalo poderia ser sensível. Mas o Cavalo apenas sorriu.

"O tio do menino me tornou real", disse ele. "Isso foi há muitos anos; mas uma vez que você é Real, não pode se tornar irreal novamente. Dura para sempre."

O Coelho suspirou. Ele pensou que demoraria muito até que essa mágica chamada Real acontecesse com ele. Ele ansiava por se tornar Real, para saber como era; e, no entanto, a ideia de ficar maltrapilho e perder os olhos e os bigodes era bastante triste. Ele desejou poder se tornar isso sem que essas coisas desconfortáveis acontecessem com ele.

Havia uma pessoa chamada Nana que comandava o berçário. Às vezes ela não prestava atenção nos brinquedos espalhados, e às vezes, sem motivo algum, ela saía voando como um vento forte e os empurrava para dentro dos armários. Ela chamava isso de "arrumar" e todos os brinquedos odiavam, principalmente os de lata. O Coelho não se importou muito com isso, pois onde quer que fosse jogado, ele caía mole.

Uma noite, quando o menino estava indo para a cama, não encontrou o cachorro que sempre dormia com ele. Nana estava com pressa e era muito difícil caçar cães na hora de dormir, então ela simplesmente

olhou em volta e, vendo que a porta do armário de brinquedos estava aberta, deu um salto.

"Aqui", ela disse, "tome seu velho Coelhoinho! Ele vai dormir com você!" E ela arrastou o Coelho por uma orelha e o colocou nos braços do Menino.

Naquela noite, e por muitas noites depois, o Coelho de Veludo dormiu na cama do menino. A princípio achou um pouco desconfortável, pois o Menino o abraçou com muita força, e às vezes ele rolava sobre ele, e às vezes o empurrava tanto para baixo do travesseiro que o Coelho mal conseguia respirar. E também sentia falta daquelas longas horas de luar no berçário, quando toda a casa estava silenciosa, e de suas conversas com o Cavalo. Mas logo ele começou a gostar, pois o Menino costumava conversar com ele, e fazia belos túneis para ele sob as cobertas que ele dizia serem como as tocas onde os coelhos de verdade viviam. Quando Nana foi embora e deixou a lamparina acesa. E quando o Menino adormecia, o Coelho se aconchegava sob seu queixinho quente e sonhava, com as mãos do Menino apertadas em volta dele a noite toda.

E assim o tempo passou, e o coelhinho estava muito feliz - tão feliz que ele nunca notou como seu lindo pelo de veludo estava ficando cada vez mais surrado, e seu rabo se desfazendo, e todo o rosa de seu nariz já borrado, onde o menino havia beijado ele.



A primavera chegou e eles passaram longos dias no jardim, pois onde quer que o menino fosse, o coelho também ia. Ele dava passeios no carrinho de mão, fazia piqueniques na grama e adoráveis cabanas de fadas construídas para ele sob as hastes de framboesa atrás do canteiro de flores. E uma vez, quando o Menino foi chamado de repente para ir tomar chá, o Coelho foi deixado no gramado até bem depois do anoitecer, e a Nana teve que vir procurá-lo porque o Menino não conseguia dormir a menos que ele estivesse junto. Ele estava molhado de orvalho e bastante terroso de mergulhar nas tocas que o Menino havia feito para ele no canteiro de flores, e Nana resmungou enquanto o esfregava com a ponta do avental.

"Quanto barulho por um brinquedo de coelho velho e fedorento!" ela disse.

O Menino sentou-se na cama e estendeu as mãos. "Me dá o meu coelho!" ele disse. "Não diga isso. Ele não é um brinquedo. Ele é REAL!"

Quando o coelhinho ouviu isso, ficou feliz, pois sabia sobre o que o cavalo havia dito era verdade. A magia do berçário havia acontecido com ele, e ele não era mais um brinquedo. Ele era real. O próprio Garoto disse isso.

Naquela noite ele estava quase feliz demais para dormir, e tanto amor se agitava em seu pequeno coração que quase explodiu. E em seus olhos de botão, que há muito perderam o brilho, surgiu um olhar de sabedoria e beleza.



Foi um verão maravilhoso!

Perto da casa onde moravam havia um bosque, e nas longas tardes de junho o Menino gostava de ir lá brincar. Ele levava o coelho de veludo com ele, e antes de sair para colher flores, ou brincar de bandido entre as árvores, ele sempre fazia um pequeno ninho para o coelho em algum lugar, onde ele ficaria bem aconchegado, pois ele era um menino de bom coração. E ele gostava que o Coelho ficasse confortável. Uma noite, enquanto o Coelho estava deitado sozinho, observando as formigas entre suas patas aveludadas na grama, ele viu dois seres estranhos rastejarem da grama alta perto dele.

Eram coelhos como ele, mas bastante peludos e novinhos em folha. Deviam ser muito bem feitos, pois suas costuras não apareciam e mudavam de forma quando se moviam; em um minuto eles eram longos e finos e no minuto seguinte gordos e volumosos, em vez de permanecerem sempre iguais como ele. Seus pés pisavam suavemente no chão e eles rastejavam bem perto dele, torcendo o nariz, enquanto o Coelho olhava fixamente para ver de que lado o mecanismo do relógio se projetava, pois sabia que as pessoas que saltam geralmente têm algo para lhes dar corda.

Mas ele não podia ver. Eles eram evidentemente um novo tipo de coelho.

Eles olharam para ele, e o coelhinho olhou de volta. E o tempo todo seus narizes se contraíam.

"Por que você não se levanta e brinca com a gente?" um deles perguntou.

"Não estou com vontade", disse o Coelho, pois não queria explicar que não tinha mecanismos.

"Ho!" disse o coelho peludo. "É tão fácil quanto qualquer coisa," E ele deu um grande pulo para o lado e ficou nas patas traseiras.

"Eu não acredito que você consegue!" ele disse.

"Eu consigo!" disse o coelhinho. "Eu posso pular mais alto do que qualquer coisa!" Ele quis dizer quando o Garoto o jogou, mas é claro que ele não queria dizer isso.

"Você pode pular nas patas traseiras?" perguntou o coelho peludo.

Essa foi uma pergunta terrível, pois o Coelho de Veludo não tinha patas traseiras! As costas dele eram feitas de uma só peça, como uma almofada de alfinetes. Sentou-se imóvel na samambaia e esperou que os outros coelhos não notassem.

"Eu não quero!" ele disse novamente.

Mas os coelhos selvagens têm olhos muito aguçados. E este esticou o pescoço e olhou.

"Ele não tem patas traseiras!" ele gritou. "Um coelho sem patas traseiras!" E ele começou a rir.

"Eu tenho!" gritou o coelhinho. "Eu tenho patas traseiras! Estou sentado nelas!"

"Então estique-as e mostre-me, assim!" disse o coelho selvagem. E ele começou a girar e dançar, até que o coelhinho ficou tonto.

"Eu não gosto de dançar", disse ele. "Eu prefiro ficar quieto!"



Mas o tempo todo ele ansiava por dançar, pois um sentimento novo e engraçado o percorreu, e ele sentiu que daria qualquer coisa no mundo para ser capaz de pular como aqueles coelhos faziam.

O estranho coelho parou de dançar e chegou bem perto. Ele chegou tão perto desta vez que seus longos bigodes roçaram a orelha do Coelho de Veludo, e então ele torceu o nariz de repente e achatou as orelhas e pulou para trás.

"Ele não cheira bem!" ele exclamou. "Ele não é um coelho! Ele não é real!"

"Eu sou real!" disse o coelhinho. "Eu sou real! O menino disse isso!" E ele quase começou a chorar.

Nesse momento houve um som de passos, e o Menino passou correndo perto deles, e com um bater de pés e um lampejo de caudas brancas os dois estranhos coelhos desapareceram.

"Voltem e brinque comigo!" chamou o coelhinho. "Oh, voltem! Eu sei que sou Real!"

Mas não houve resposta. O Coelho de Veludo estava sozinho. "Por que eles fugiram assim? Por que eles não pararam e falaram comigo?"

Por um longo tempo ele ficou muito quieto, esperando que eles voltassem. Mas eles nunca voltaram, e o sol se pôs mais baixo e o Menino veio e o carregou para casa.

Semanas se passaram e o coelhinho ficou muito velho e maltrapilho, mas o menino o amava tanto quanto antes. Ele o amava tanto que amava todos os seus bigodes, e o forro rosa de suas orelhas ficou cinza, e suas manchas marrons desapareceram. Ele até começou a perder a forma e não parecia mais um coelho, exceto para o Menino. Para ele, ele sempre foi lindo, e isso era tudo com o que o coelhinho se importava. Ele não se importava com a aparência de outras pessoas, porque a magia do berçário o tornara Real, e quando você é Real, a mesquinhez não importa.

E então, um dia, o Menino adoeceu.



Seu rosto ficou muito vermelho e ele falava dormindo, e seu corpinho estava tão quente que queimou o Coelho quando ele o abraçou. Pessoas estranhas iam e vinham no berçário e por esse tempo todo o Coelho de Veludo jazia lá, escondido sob as cobertas, e ele nunca se mexeu, pois temia que, se o encontrassem, alguém pudesse levá-lo embora, e ele sabia que o Menino precisava dele.

Foi um tempo muito cansativo, pois o menino estava muito doente para brincar, e o coelhinho achou um tanto enfadonho sem nada para fazer o dia todo. Mas ele se aconchegou pacientemente e esperou o momento em que o menino estaria melhor novamente. Ele planejou todo tipo de coisas deliciosas e, enquanto o menino estava meio adormecido, ele se aproximou do travesseiro e sussurrou em seu ouvido. E então a febre baixou e o menino melhorou. Ele foi capaz de sentar-se na cama e olhar para os livros ilustrados, enquanto o coelhinho se aconchegava ao seu lado. E um dia, eles o deixaram se levantar e se vestir.

Era uma manhã clara e ensolarada, e as janelas estavam escancaradas. Levaram o Menino para a

sacada e o Coelhoinho ficou enrolado entre as cobertas, pensando.

O Menino iria para a praia amanhã. Tudo estava arranjado, e agora só faltava cumprir as ordens do médico. Eles conversaram sobre tudo, enquanto o coelho estava deitado sob as cobertas, apenas com a cabeça para fora, e ouvia. O quarto deveria ser desinfetado, e todos os livros e brinquedos com que o Menino brincara na cama deveriam ser queimados.

"Viva!" pensou o coelho. "Amanhã iremos à beira-mar!" Pois o menino falara muitas vezes da beira-mar e queria muito ver as grandes ondas chegando, os minúsculos caranguejos e os castelos de areia.

Só então Nana o avistou.

"O que você acha desse velho Coelho?" ela perguntou.

"Que?" disse o médico. "Está cheio dos germes da febre! - Queime-o imediatamente. Dê-lhe um novo. Ele não deve mais ter isso!"

E assim o coelhinho foi colocado em um saco com os velhos livros ilustrados e muito lixo, e levado para o fundo do jardim. Aquele era um bom lugar para fazer uma fogueira, só que o jardineiro estava muito ocupado para fazer isso. Ele tinha as batatas para cavar e as ervilhas para colher, mas na manhã seguinte prometeu vir bem cedo e queimar tudo.

Naquela noite, o menino dormiu em um quarto diferente e

tinha um novo coelho para dormir com ele. Era um coelhinho esplêndido, todo de pelúcia



branca com

olhos de vidro de verdade, mas o Menino estava empolgado demais para se importar muito com isso.

Pois amanhã ele iria para a praia, e isso em si já era uma coisa tão maravilhosa que ele não conseguia pensar em mais nada.

E enquanto o menino dormia, sonhando com a beira-mar, o coelhinho deitava-se entre os velhos livros ilustrados no canto do jardim e sentia-se muito só. O saco havia sido deixado desamarrado e, contorcendo-se um pouco, ele conseguiu enfiar a cabeça pela abertura e olhar para fora. Ele estava tremendo um pouco, pois sempre esteve acostumado a dormir em uma cama, e a essa altura seu casaco estava tão fino e puído de tanto abraçar, que não servia mais como proteção para ele. Ele pensou naquelas longas horas de sol no jardim – como eram felizes – e uma grande tristeza tomou conta dele. Ele pensou no Cavalo, tão sábio e gentil, e em tudo o que ele havia lhe contado. De que adiantava ser amado e perder a beleza e tornar-se Real se tudo terminava assim? E uma lágrima, uma lágrima de verdade, escorreu por seu nariz surrado de veludo e caiu no chão.

E então uma coisa estranha aconteceu. Pois onde a lágrima caiu, uma flor brotou da terra, uma flor misteriosa, nada parecida com as que cresciam no jardim. Tinha finas folhas verdes da cor de esmeraldas e, no centro das folhas, uma flor como uma taça de ouro. Era tão linda que o coelhinho

esqueceu de chorar, e ficou ali deitado olhando. E então a flor se abriu e dela saiu uma fada.

Ela era a fada mais adorável do mundo. Seu vestido era de pérolas e gotas de orvalho, e havia flores no pescoço e no cabelo, e seu rosto era como a flor mais perfeita de todas. E ela chegou perto do coelhinho e o pegou nos braços e o beijou no nariz aveludado que estava todo úmido de tanto chorar.

"Coelhinho", ela disse, "você não sabe quem eu sou?"

O Coelho olhou para ela e teve a impressão de já ter visto o rosto dela antes, mas não sabia onde.

"Eu sou a fada mágica do berçário", disse ela. "Eu cuido de todos os brinquedos que as crianças adoraram. Quando eles estão velhos e gastos e as crianças não precisam mais deles, eu venho e os levo comigo e os transformo em Real."

"Eu não era real antes?" perguntou o coelhinho.

"Você era Real para o Menino", disse a Fada, "porque ele te amava. Agora você será Real para todos."

E ela segurou o coelhinho nos braços e voou com ele para a floresta.

Já estava claro, pois a lua havia nascido. Toda a floresta era linda. Na clareira aberta entre os troncos das árvores, os coelhos selvagens dançavam com suas sombras na grama aveludada, mas quando viram a Fada todos pararam de dançar e formaram um círculo para olhá-la.

"Eu trouxe para vocês um novo companheiro", disse a Fada. "Vocês devem ser muito gentis com ele e ensiná-lo tudo o que ele precisa saber na Terra dos Coelhos, pois ele viverá com vocês para todo o sempre!"

E ela beijou o coelhinho novamente e o colocou na grama.

"Corra e brinque, coelhinho!" ela disse.

Mas o coelhinho ficou imóvel por um momento e não se mexeu. Pois quando ele viu todos os coelhos selvagens dançando ao seu redor, ele de repente se lembrou de suas patas traseiras, e ele não queria que eles vissem que ele era feito de uma só peça.

Ele não sabia que quando a Fada o beijou pela última vez, ela o havia mudado completamente. E ele poderia ter ficado sentado lá por muito tempo, tímido demais para se mover, se algo não tivesse feito cócegas em seu nariz, e antes que ele pensasse no que estava fazendo, levantou o dedo do pé traseiro para coçá-lo.

E ele descobriu que, na verdade, ele tinha patas traseiras! Em vez de veludo encardido, ele tinha pêlo marrom, macio e brilhante, suas orelhas se contraíam sozinhas e seus bigodes eram tão longos que roçavam a grama. Ele deu um pulo e a alegria de usar aquelas patas traseiras foi tão grande que ele foi pulando para o lado e girando como os outros, e ficou tão excitado que quando finalmente parou para procurar a fada ela tinha ido embora.

Ele era finalmente um Coelho de Verdade, em casa com os outros coelhos.

Passou o outono e o inverno, e na primavera, quando os dias ficavam quentes e ensolarados, o menino saía para brincar no bosque atrás da casa. E enquanto ele brincava, dois coelhos o espiaram. Um deles era todo marrom, mas o outro tinha marcas estranhas

sob o pelo, como se tivesse sido visto há muito tempo, e as manchas ainda apareciam. E em seu narizinho macio e em seus olhos pretos e redondos havia algo de familiar, de modo que o Menino pensou consigo mesmo:

"Ora, ele se parece com meu velho Coelhoinho que perdi quando eu tive febre!"

Mas ele nunca soube que realmente era seu próprio Coelhoinho, que voltou para olhar a criança que primeiro o ajudou a ser Real.